

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CCE – Coordenação Central de Extensão

Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais

Prof^{as}: Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá

Discente: Daniela Mota Viana

daniela.mvianna@gmail.com

Resumo 02 - abril/ 2008.1

RESENHA CRÍTICA¹

FERGUSON, Robert. **Media Education e o desenvolvimento de uma pedagogia apropriada**. Colabora , Santos, v. 1, n. 3, p. 3-16 Feb-Apr/2002

Aluna: Daniela da Motta Vianna

Resumo crítico do texto Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.

A autora traça um panorama do processo de formação do termo e da atividade de mídia-educação, passando por aspectos históricos, problemas na conceitualização do termo, suas aplicações como prática em diversas partes do mundo. Analisa também, o futuro deste cenário, o papel da mídia-educação nas escolas, os possíveis papéis do mídia-educador na sociedade (sua formação, suas áreas de atuação).

Mônica Fantin tem a intenção de definir o papel do mídia-educador. Segundo a autora, a sociedade se organiza cada vez mais a partir da mídia. E este panorama apresenta à sociedade uma série de desafios. Seja para o sujeito que recebe a informação ou para aquele que a transmite. Por isso, é indispensável que se discuta essa nova realidade nas escolas.

Com o avanço das tecnologias, a velocidade com a qual as informações chegam até nós é tamanha, que não é simples filtrar realmente o que pode ser aproveitado ou descartado. E nesta dinâmica, os meios que nos são apresentados hoje produzem informações que estão sendo pouco ou mal aproveitadas pelos receptores, já que, segundo a autora, este cenário é o oposto do tempo necessário para a capacidade reflexiva da pessoa, independentemente da classe a qual está inserido. Ou seja, a escolha de certos conteúdos não parece estar ligada diretamente ao capital cultural de cada indivíduo. Mesmo quem possui capacidade de filtrar informações devido ao seu capital cultural, está selecionando mensagens possivelmente descartáveis.

¹ O texto se configura como parte da segunda atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1.

Isto acarretaria uma perda no sentido destas informações “aproveitáveis” e a sua fragmentação. Rivoltella, em entrevista² concedida à Fantin, afirma que é aí que está o campo de atuação da educação, e indica o papel da Mídia-Educação neste contexto:

“A mediação educativa hoje é uma mediação entre a velocidade e a quantidade das informações, é a possibilidade de fazer sentido criticamente sobre as informações, já que isso não é uma coisa espontânea do sujeito, do menino, precisa a presença do educador como mediador de conhecimento.”

“O papel da Mídia-Educação é fundamental. Fundamental no que diz respeito, sobretudo em relação à mediação educativa, pois o mídia-educador é fundamentalmente um mediador, um mediador cultural entre as culturas dos meios e as culturas dos meninos e a sua própria também, a cultura da escola e da tradição cultural.”

Apesar da crescente oferta de tecnologias e mudanças na maneira de pensar, a escola ainda não absorveu uma maneira de lidar com essa nova realidade. Colocando desta forma, nos dá condição de pensar que a escola está enfraquecida frente ao poder das mídias.

Daí a necessidade de uma interação entre mídia e educação. Mas é importante que esse processo seja absorvido não só por crianças, mas por adultos também, uma vez que pelo menos no ambiente escolar, eles serão mediadores do processo de interação, como proposto por Mariazinha Fusari.

De acordo com o avanço do pensamento das ciências ligadas ao social, barreiras entre campos estão caindo. Cada vez mais alguns campos emprestam teorias e conceitos para outros, numa troca constante. Nesse sentido, a autonomia desses campos é quebrada, e por isso, devemos nos resguardar ao interpretar algumas questões: no caso da troca entre comunicação e educação³, há uma série de lógicas a serem debatidas e entendidas.

A autora transcorre sobre a origem do termo mídia-educação e suas diversas interpretações, mas mantendo um pensamento que é o “fio-mestre” das atribuições da mídia-educação: seria a formação de um usuário crítico, cidadão consciente, criativo

² Entrevista concedida à Mônica Fantin para o *site* Ateliê da Aurora ver em (http://www.aurora.ufsc.br/artigos/entrevista_rivoltella.htm#topo)

³ Cabe à Educação preparar o receptor para as mensagens da Comunicação.

(criador) de tecnologias de comunicação/informação. Além disso, mídia educação seria educar para os meios.

O sujeito envolvido com a mídia-educação deve ser capaz de assumir uma postura crítica em relação aos meios, através das práticas aprendidas principalmente no ambiente escolar. A autora apresenta uma posição de desacordo, quando cita Maria Luiza Belloni, Segundo Fantin, a mídia-educação é também, além de objeto de estudo, uma ferramenta pedagógica. Esses dois fatores, ainda que diferentes, estão entrelaçados. Após citar a Educomunicação de Ismar Soares e seu anterior significado, estudado por sua vez por Geneviève Jacquinet, a autora frisa as diversas nomenclaturas que este processo adquire. E nos mostra que apesar de serem semelhantes as análises dos termos Educomunicação, mídia-educação e educação para as mídias, elas são permeadas de diferentes significados.

Jacquinet simplifica o uso dos termos, pois acredita que, apesar de interpretações diferentes (educar para as mídias ou com os meios), são parte de um mesmo processo, pois “sempre se aprende através das mídias”, ou seja, ela sempre estará presente, seja como objeto de estudo, ou ferramenta pedagógica.

Agora partindo do princípio proposto por Rivoltella, Fantin observa que a mídia-educação pode ser um facilitador de aproximação entre cultura, educação e cidadania. Porém, a dificuldade de definição do termo acaba por torná-lo passivo de múltiplas interpretações. Por isso, a autora indaga o que seria, afinal de contas, educar para a cidadania, e nos responde através de dimensões propostas por Rivoltella, que qualificam o ser cidadão e sua relação com a mídia-educação⁴. E a partir destas relações chegamos ao duplo exercício da cidadania, onde a mídia-educação assume papel ativo e passivo, destacando valores da cidadania frente a poderes políticos ou como auxílio na construção da própria cidadania.

Educar para a cidadania ajudará a formação de sujeitos que terão contato com uma educação inclusiva e baseada no reconhecimento de direitos universais. A autora conclui este bloco citando Mauro Morcellini, dizendo que educar para a cidadania proporcionará a diminuição de assimetrias no plano das capacidades cognitivas e participativas dos indivíduos.

Aspectos históricos e conceituais

⁴ Direito civil, cidadania política, cidadania social e cidadania cultural.

A autora situa historicamente a mídia-educação e percebe que não é possível conceitualizá-la sem antes entender como surgiu essa prática. Que influência a história, ou melhor, o contexto histórico, teve sobre a forma da mídia-educação em determinado período.

Quando a indústria cultural surge, paralelamente com ela, nasce a mídia-educação, porém diferente de como a conhecemos hoje. Naquela época (primeiras décadas do século XX), a cultura de massa era renegada e considerada vazia, sem conteúdo. Além disso, pervertia os valores da sociedade. Esta visão era exemplificada pelo cinema (na época predominantemente produções americanas).

Voltando à perspectiva de Rivoltella⁵, a autora nos traz as concepções formadas ao longo da história, marcando bem o momento em que elas ocorrem, tornando clara a influência do contexto histórico no entendimento da mídia-educação.

Sendo assim, nos anos 30 e 60, temos duas interpretações em relação à mídia-educação: ambas são utilizadas como meio a fim de separar a educação da cultura de massa, que até o momento era vista como uma futilidade⁶.

Os objetos de estudo eram aqueles que tinham um maior apelo junto ao público. Porém a década de 60 foi movimentada tanto sócio-econômica quanto culturalmente e era inevitável que se repensasse o papel da mídia-educação nesse momento.

Dessa forma, foi possível por parte de alguns educadores, enxergarem os produtos midiáticos de forma diferente, de maneira a perceber um conteúdo por trás do que parecia vazio. Principalmente, ao perceberem conteúdo nos chamados “filmes de autor”, era impossível não pensar no cinema como forma de transmissão de mensagem, seja oculta ou explícita. Assim, surge a concepção de leitura crítica, que tem no cinema seu objeto de observação (principalmente), que foi responsável por interessantes movimentos culturais.

Nessa fase, já é possível perceber a aproximação da mídia-educação com a semiótica⁷. Segundo Fantin, essa visão apresenta falhas, pois ignorou os contextos em que os textos foram produzidos, distribuídos e consumidos. Ou seja, não houve a visão

⁵ Muito semelhante a de Mastermann.

⁶ Tanto a visão paternalista quando a de resistência cultural consideravam a cultura de massa como nociva à arte. Soma-se a esta questão a relação da cultura de massa com o capital, conceito vindo da Escola de Frankfurt.

⁷ Mais tarde, a mídia-educação se caracterizará como uma mistura de dois universos: o da Comunicação e o da Educação.

que temos hoje sobre a influência do contexto histórico, social, etc. sobre a mídia-educação. E isso pode ter gerado problemas na interpretação desse objeto de estudo.

Característica na América do Sul, devido ao contexto das ditaduras militares (décadas de 70 e 80), temos a concepção ideológica. A mídia-educação e os meios, inseridos nesse contexto de luta, são vistos como instrumentos contra as formas de colonização. Assim, novamente com o auxílio da semiótica, juntamente com teorias neomarxistas e estudos de audiência, chegou-se à conclusão de que entender os produtos midiáticos agora significa também desconstruir e desmistificar a sua lógica, reconhecendo ali traços de cultura.

A partir daí, é possível sentir que as Ciências Sociais exercem papel importante nesse processo, pois com o auxílio delas, foi possível a desconstrução e desmistificação da lógica midiática, e possível também, reconhecer as mídias como instâncias da prática social. Nesse contexto a mídia-educação seria um instrumento, uma forma de integração didática entre os estudos da semiótica, da ideologia e da análise de consumo.

Nesse sentido, a autora nos dá um exemplo da aplicação da mídia-educação no currículo para a escola primária do British Film Institute (Londres). Este currículo traça uma série de maneiras de atuar com a mídia-educação na escola, propondo aspectos-chaves a serem trabalhados. Estas áreas são resumidas em:

- Agências: os agentes comunicadores, o que comunicam e com que propósito. Através deste aspecto é possível compreender a dinâmica econômica e política dos meios.

- Categorias: que tipo de meio, a particularidade de cada um e a forma como transmitir sua mensagem.

- Técnicas: como são produzidos e as diferenças entre os processos de produção.

- Linguagem: como sabemos o que significa? Possibilita entender como os significados são produzidos.

- Representações: como transfere o tema para as representações, ou melhor, como representa o tema?

- Público: o que recebe e dá sentido, interpreta. Após entrar em contato com o produto, que significado dá a ele?

Já na América Latina, temos a teoria das mediações, de Jesús Martín-Barbero, onde entendemos que não só a mídia, mas todos os receptores são também mediadores. Assim, sem receber influência direta da mídia, é preciso trabalhar os mediadores a fim

de conseguir manipular as mídias e seus recursos e dominar suas técnicas e suas linguagens.

Esta teoria defende o enfoque no uso das mídias por diferentes comunidades. O defensor dessa visão é Guillermo Orozco. Ele entende que as mediações ocorrem através de diversos fatores como classe social, gênero, subjetividade, idade, os meios de comunicação e instituições sociais, etc. Ou seja, quase tudo o que nos permeia é passivo de ser mediador, está “entrelaçado no cenário do consumo e das respostas dadas aos meios”.

Atualmente as pesquisas nesta área constantes na América Latina, principalmente no México. Partindo da abordagem do conceito de hegemonia de Gramsci e da visão cultural dos meios de comunicação, temos diversas pesquisas: *As perspectivas do consumo natural* (Canclini, México); *As frentes culturais* (Jorge Gonzáles, México); *Recepção ativa* (Fuenzallida e Hermosilla, Chile); *O uso social dos meios* (Barbero, Colômbia); *Enfoque integral da audiência* (Orozco, México).

Apesar dessas pesquisas se aproximarem mais de nós, em relação às perspectivas europeias, ainda há segundo Fantin, uma falta de pesquisas onde se apliquem esses conceitos no âmbito nacional sem esquecer de evidenciar nossas particularidades culturais.

Por fim a autora chama atenção para o fato de que não há precisão cronológica, linear, nas teorias e aspectos apresentados. Isto porque certas teorias são recuperadas no desenvolvimento de outras, que posteriormente serão reaproveitadas ou descartadas, mesmo que temporariamente. Mesmo assim, era necessário que o conceito de mídia-educação ganhasse uma definição. Após sua primeira definição, apresentada pelo Conselho Internacional de Cinema e Televisão, em parceria com a UNESCO (1973), finalmente em 1979, define-se mídia-educação tanto no campo da comunicação quanto no da educação.

Considerando tanto aspectos históricos, valorativos e do uso criativo (mídias como produtos e processos culturais e sociais), quanto a ampliação da disciplina Mídia-Educação para outras faixas etárias (envolvendo pessoas de todas as idades).

Assim podemos visualizar os dois aspectos da mídia-educação: prática social e a disciplina curricular. Assim, ao aliarmos as concepções e a redefinição do que é mídia-educação, temos uma base para interpretar a mídia-educação nas mais variadas dimensões: política-econômica, ambiental, psicológica e cultural.

Considerando dessa forma, seria possível um uso mais universal da mídia-educação, e não a limitação das duas concepções (instrumental e conteudística). Nessa visão, a autora nos diz que a mídia-educação pode funcionar como instrumento cultural e educativo, de intercâmbio entre a comunicação e a educação, da seguinte forma: formando a atitude prático-reflexiva dos profissionais de comunicação e formação e capacitação de educadores. Assim, profissionais de comunicação estariam aptos a pensar em seu papel na sociedade e de que formas podem contribuir para a melhora da sociedade. Da mesma maneira em que sujeitos em contato com a mídia-educação estariam aptos a construir a competência não só de professores como educadores em geral (pais, por exemplo), na leitura crítica dos textos midiáticos.

A autora conclui propondo uma troca de informações entre esses dois campos no sentido da formação dos profissionais dessas áreas (comunicadores e educadores), tendo a consciência de que, apesar de insuficiente, esta é uma ação que determinará um ponto de partida.

Breve panorama internacional

Fantin transcorre sobre o panorama da mídia-educação em diversos países, citando as iniciativas pioneiras dos quatro países que se destacam no cenário da mídia-educação: Canadá, Grã-Bretanha, Austrália e África do Sul.

Nestes países, a mídia-educação é utilizada como forma de disciplina autônoma no currículo escolar, em caráter transversal, além de outras formas de experiências culturais.

No Canadá, a iniciativa partiu dos próprios educadores, face à necessidade de promover a educação para as mídias nas escolas, em 1999. Anteriormente, já era possível algumas dessas práticas no estado de Ontário, onde a mídia-educação é ensinada como disciplina obrigatória para crianças de 12 e 13 anos, desde 1982.

Na Inglaterra, a prática da mídia-educação se dá a partir da Reforma Educacional, em 1988, curiosamente no governo conservador de Thatcher. O responsável pela implantação dessas práticas nesse país é o British Film Institute. Este elabora uma proposta para a implantação da mídia-educação no currículo de educação primária e na formação de professores⁸.

⁸ A dinâmica destas propostas será descrita mais adiante.

Na Austrália, apesar da autonomia dos estados na educação, é possível perceber certa padronização na abordagem adotada.

Com o Apartheid na África do Sul, a educação também sofria com políticas diferenciadas pelas raças. Movimentos de resistência de certa forma contribuíram para a implementação de educação para as mídias. A mídia-educação é inserida juntamente com todas as outras mudanças ocorridas em decorrência do fim do Apartheid.

Além dos quatro países de destaque, a autora nos põe em contato com uma série de países onde a mídia-educação é aplicada. Através do texto é possível perceber que hoje o ensino para as mídias nos países europeus é uma prática que está ligada ao ensino das Artes e da História, predominantemente.

Além disso, alguns países se destacam mais no âmbito das pesquisas em relação a esse tema. É o caso da Itália, onde os centros de pesquisa contribuem para reconfigurar a inserção da mídia-educação na escola⁹.

Nos EUA, há uma dificuldade de implementação da mídia-educação. Segundo Robert Rubey, Reneé Hobbs e Kathleen Tyner, isso ocorre não pela falta de programas nesse sentido, mas pela resistência dos próprios professores e das escolas em aplicá-los.

Em relação à educação oriental, ainda não é possível tecer afirmações mais precisas sobre como a dinâmica da mídia-educação se configura. Um dos casos que chama atenção é o da China. Isto porque é o segundo país no ranking de acesso a internet, numa realidade que é altamente controlada pelo Estado. Daí o desafio: como criar práticas que dialoguem com esse aspecto numa escola que é controlada pelo Estado? Apesar disso, algumas universidades trabalham com educação para as mídias e demonstram interesse na área. Em contraponto, temos o caso do Japão, que tem a tecnologia inserida na vida dos sujeitos.

Na América Latina, a mídia-educação se desenvolve frente a uma realidade de lutas contra a ditadura, como resistência cultural. No Brasil, onde a mídia-educação se desenvolveu a partir de instituições voltadas para a educação e cultura popular. Uma característica chama a atenção em relação à América Latina: a maioria das iniciativas parte de ONGs em parcerias com os governos¹⁰. Dificilmente vemos uma iniciativa que parta somente do âmbito político.

⁹ *Progetto Media Education nella Scuola* (Educação para as mídias na escola primária).

¹⁰ Na Colômbia e Argentina existem projetos de parcerias.

No Brasil, a inserção curricular da mídia-educação ainda deixa a desejar. Isso porque o que é proposto nas LDB e no Estatuto da Criança e da Adolescência não é cumprido.

Não há apoio governamental e por isso, a iniciativa parte das ONGs. O panorama vem se modificando vagarosamente, através de experiências em mídia-educação nas escolas públicas e privadas através da inserção curricular.

São Paulo já adota práticas de mídia-educação no âmbito municipal, com a aprovação da lei que institui a Educom.rádio. Esse projeto tem como alvo escolas municipais, mas já demonstra uma mudança na forma de instituir a mídia-educação no ambiente escolar. E o melhor, com uma iniciativa vinda por parte do governo.

Nesse sentido temos importantes trabalhos de grupos que visam combater a resistência à implantação das práticas de mídia-educação no país¹¹. A autora apresenta uma síntese das observações de Rivoltella sobre como se caracteriza a aplicação da mídia-educação pelo mundo. Citando a América Latina, ele nos diz que as mídia-educação estão inseridas num contexto de luta contra a exclusão. E passando para a Europa, o autor nos diz que a aplicação da mídia-educação nesses países tem caráter relacionado à política de salvaguarda e promoção da identidade européia.

Fantin observa que apesar de ser esta a proposta européia, o que ocorre lá, na verdade, é uma ênfase nas questões da dimensão técnica da especificidade da mídia-educação do que política.

No Brasil, a mídia-educação se torna objeto de reflexão teórica a partir da abertura política, quando universidades e movimentos sociais se aproximam. A falta de políticas públicas a este respeito ainda dificultam a sistematização da mídia-educação no país. Na América Latina ocorre o que Rivoltella chama de “alma prática” da experimentação educativa sobre o campo. Isto quer dizer que há muitos projetos e iniciativas, porém nos preocupamos com a urgência de suas aplicações e não teorizamos sobre o assunto. Em outras palavras, sobra prática, falta teoria.

Mas apesar disso, cada vez mais os estudiosos latinos se tornam referências nos estudos sobre este campo, seja pela experiência no campo da mídia-educação, seja pela qualidade de suas reflexões teóricas.

Mídia-educação: campo, disciplina e prática social

¹¹ NCE-USP, Núcleo de Infância, Comunicação e Arte da UFSC, Multirio, Andi e Mídiaativa, por exemplo.

Nesta abordagem a autora discorre sobre as atribuições da mídia-educação. Sua atuação vai além do ambiente escolar e do âmbito institucional, o que caracteriza um campo interdisciplinar. Mas é importante também tomarmos cuidado para não descrevermos a mídia-educação como apenas um movimento, pois isso se tornaria um empecilho na sua transformação em disciplina.

Através da dialética entre ciência e movimento, reflexão e ativismo, Rivoltella reflete sobre uma possível legitimidade epistemológica da mídia-educação. Ele considera a mídia-educação um corpo de teorias e práticas, sendo necessário uma consciência epistemológica da mídia-educação, a fim de se aproximar de suas características como disciplina ou campo disciplinar.

A fim de estabelecer um significado epistemológico da mídia-educação, Fantin descreve uma série de fundamentos pertencentes a essa prática, lembrando que sem a existência deles, dificilmente a disciplina será certificada como tal¹².

Após esta observação a autora indica princípios destacados por Masterman para esclarecer a amplitude do seu objeto, discordando dele em um aspecto: o interesse e a motivação dos alunos pode não ser um critério seguro para avaliar sua eficácia. Dessa forma, entre outros, podemos destacar os objetos da mídia-educação: a comunicação e a formação, o despertar da leitura crítica sobre as mídias, etc.

A configuração epistemológica da mídia-educação se dá através do encontro entre as Ciências da Comunicação e da Educação com o auxílio de teorias vindas dos campos das Ciências sociais. E como já foi dito anteriormente, a contribuição da comunicação se dá, principalmente no plano da leitura das mídias. Já no campo da educação, entre outras, destaca-se a recondução das mídias ao seu quadro de uso.

Ao apontar as relações entre mídia-educação e as Ciências da Educação, a autora citando Rivoltella nos diz que as obras que são referências para o entendimento desse aspecto são *A Pedagogia do Oprimido*, e *A Escola Laboratório*, de Paulo Freire e Celestin Freinet, respectivamente. A autora segue nos contando a trajetória de estudos de Freire, que no Brasil já está tão ligado à educação, que às vezes passa despercebido por teorias da mídia-educação.

Enquanto isso, Freinet defende a necessidade de criar novos instrumentos de pesquisa e estudo, repensando o ensino através da técnica das mídias.

¹² Em alguns países há uma certa dificuldade de reconhecer a cidadania da mídia-educação pela falta de definição disciplinar.

Criar espaço na escola para os produtos midiáticos, a fim de construir e desconstruir o texto e criticar suas mensagens. O texto de Freinet é muito atual em sua interpretação, apesar de ser da década de 40. As ferramentas evoluíram (TV, internet, celular), mas o raciocínio ainda é o mesmo.

Ainda no campo disciplinar da mídia-educação, temos a contribuição das disciplinas Tecnologia da Educação (traduzido do italiano) e a Teoria das Organizações, que são peças-chave no auxílio da configuração do estatuto epistemológico e dos fundamentos da mídia-educação.

A partir daí a autora pretende situar a questão do método da mídia-educação, lembrando que esta ainda não possui metodologia, nem método próprio, uma vez que utiliza os métodos da comunicação. Por sua vez, a comunicação se vale do método das Ciências Sociais. Através delas, a comunicação faz suas análises: conteúdo, narrativa, consumo e inscrição ideológica, códigos e estratégias comunicativas, como técnicas de animação, produção e de simulação.

A autora, a fim de explicar a dinâmica dos métodos utilizados pela mídia-educação retorna às concepções de mídia-educação vistas anteriormente, chegando à conclusão de que, atualmente, nos valem dos métodos oriundos da concepção inoculatória (análise de textos) e a concepção das Ciências Sociais, dos anos 80. Destaca também atualmente os métodos etnográficos, de gestão e projeção dos processos formativos e de gestão na pesquisa no campo educativo.

Objetivos e contextos

A autora destaca os objetivos da mídia-educação tomando como partida os definidos por Masterman. É importante sim tomar como referência as experiências de quem já tem esse processo instaurado, mesmo que essas experiências não se encaixem em nosso contexto. Afinal, sempre é possível adaptar alguns conceitos na produção da mídia-educação. Dessa forma a autora destaca as estratégias decorrentes dos objetivos gerais de Masterman, como por exemplo, a defesa e transformação dos sistemas públicos de educação (interesses públicos como prioridade), colaboração maior com profissionais das mídias, discussão sobre a necessidade de um novo paradigma para a mídia-educação, entre outros.

Após citar os objetivos de Masterman, a autora nos traz a visão de Buckingham. Para ele as mídias são instrumentos para o ensino, o que demanda um ensino reflexivo

sobre as mídias, sugerindo mudanças nos objetivos e métodos no ensino da mídia no ambiente escolar (integrar teoria e prática).

Já Rivoltella, observa os contextos onde a mídia-educação tem se situado:

- Metodológico: mídia como recurso para a educação (educação com meios).
- Crítico: Transmitir mensagem influenciando o público no seu modo de agir e pensar (educação para as mídias).
- Produtivo: mídia como linguagem, forma de expressão e produção (educar através dos meios).

Segundo Fantin, as práticas da mídia-educação dizem respeito à sua concepção como objeto do estudo, instrumento de aprendizagem e forma de cultura. Assim, através da mídia-educação, a escola poderá ser ponto de partida para transformações culturais no país. Cita ainda a visão de Morcellini: a mídia-educação como fio condutor de uma reconciliação de linguagens e uma transformação das imagens da formação: uma passagem inevitável para reconduzir a educação e a escola ao centro da cena, e o seu “quase manifesto”, de onde algumas proposições podem ser entendidas como objetivos.

A formação do mídia-educador

Mas que perfil profissional o deve ter um mídia-educador? Diante da vasta área de atuação da mídia-educação, Rivoltella ainda tem dúvidas se é possível a formação profissional em mídia-educação, e por isso, ainda deixa algumas perguntas em aberto, como por exemplo, se é viável uma nova figura profissional como a do mídia-educador, indicando que o caminho ainda não está definido.

Essa formação do profissional pode acontecer em diversos âmbitos: desde cursos de capacitação de profissionais da educação até cursos de pós-graduação ligados a essa área.

A autora cita Sancho, que elabora cinco aspectos principais que devem ser levados em consideração no momento da formação do profissional: formação crítico-situacional, formação conceitual, formação técnico-pedagógica, formação instrumental e por fim, formação auto-reflexiva.

A autora transcorre sobre as atribuições e competências do profissional, mas por alguns momentos destacando somente aspectos que se aplicam à profissionais da educação, e encontra semelhanças destes aspectos com aqueles criados pelo BFI.

A aceitação da mídia-educação no meio acadêmico deve ser feita a partir de uma visão de transversalidade, já que a mídia-educação se dá através de diversas áreas de atuação e diversas visões teóricas. Isso implicaria uma mudança na visão acadêmica e escolar de disciplinas puras, o que se configura como um desafio para ambas as partes. Ainda na escola temos algumas barreiras a serem transpostas.

A autora nos mostra que mesmo que políticas educacionais não privilegiem a mídia-educação, é possível que a autonomia escolar insira a prática em seu contexto.

Diante de todos esses aspectos tratados até agora, podemos traçar um perfil mais concreto do profissional. Segundo Rivoltella, ele deve ser um híbrido entre o profissional de comunicação e o educador, que esteja atento e saiba fazer uma leitura crítica dos meios, e aplicá-los corretamente, num processo que envolve a mediação cultural e técnica.

Voltando ao termo educador, segundo Jacquinet, o profissional assim caracterizado deve ser um educador com uma formação que integre também conhecimento de mídias. Já Soares indica uma visão mais ampla desse termo, incluindo aí a importância do profissional de comunicação, que trabalharia num campo “multidisciplinar e multimidiático”.

É possível perceber sutilmente que os termos mídia-educação e educação seguem por caminhos que às vezes são opostos. A começar pela falta de acordo entre a origem do profissional. Enquanto a mídia-educação trata de um profissional que integra as duas áreas, o educador viria da comunicação, para dar assessoria ao profissional de comunicação. A autora então discorda de Soares. À sua interpretação, Fantin acredita que o uso do termo educação é usado somente como um atrativo, e que é preciso ainda uma série de estudos para que esse fato se esclareça.

Passando novamente para a questão do campo de definição da mídia-educação e perfil do profissional, juntamente com Fantin podemos concluir que temos um campo que se caracteriza pela pluralidade, e que isso nos dá margem para várias definições do profissional. Rivoltella ainda nos dá mais uma possibilidade, trazendo o profissional educador-pesquisador, unindo a prática à teoria, ou seja, o fazer com o saber. O autor separa as definições de mídia-educador e educador, dando a estes significados diferentes, porém complementares. Um trabalharia em conjunto com o outro.

Concluindo, a autora traça o que para ela é a definição de mídia-educação: “um campo aberto de pesquisa e ação em relação às mídias e à educação a partir de um

estatuto epistemológico situado na articulação da interface da educação e comunicação”.

Após essas considerações, a autora sintetiza a perspectiva da mídia-educação se dá através da Cultura, da Crítica, da Criação/ Criatividade, além da Cidadania, o que ela chama de “os 4C” da mídia-educação, que unidos aos 3P (Proteção, Provisão e Participação), formarão a perspectiva do estudo da autora.

Conclusão

Traçando um panorama da mídia-educação, com suas experiências nacionais e internacionais, podemos concluir que ainda estamos em um processo de adaptação dessa realidade. Mas a pergunta que surge é por quanto tempo essa prática vai ser isolada?

A autora diz que estamos sendo educados por imagens e sons e outros meios vindos da cultura de mídia. Ao abordar a questão desta forma, nos dá a impressão de que a escola se perdeu no processo de aprendizagem. Os audiovisuais são importantes sim, mas a escola ainda não perdeu o seu papel na formação do indivíduo. Ao colocar desta forma, nos dá condição de pensar que a escola está enfraquecida frente ao poder das mídias.

E já que isso acontece, está claro que se faz necessário o uso da mídia-educação no processo, com o sentido de “ajustar” essas duas realidades (educação e comunicação) a fim de se possa fazer uma leitura crítica no ambiente escolar.

A consciência de que isso é necessário já existe. Um exemplo disso no Brasil, por exemplo, é que fomos sede da 4ª Cúpula de Mídia para Crianças e Adolescentes, que discutiu principalmente o papel da criança e do adolescente nesse processo. E provou que eles são capazes de uma consciência crítica e de produzir mídias. A iniciativa da Cúpula teve início no fim da década de 90, na Austrália, já passou por países como Inglaterra (Londres), Grécia e África. Interessante pensar que o Brasil (Rio de Janeiro) foi o país escolhido na América Latina para sediar esse evento, demonstrando que internacionalmente somos reconhecidos.

O que se viu no texto, foi um estudo sobre os ambientes nos quais a prática da mídia-educação se desenvolve, e que benefícios se pode ter a partir de sua

implementação. Ainda que se esteja pensando anos à frente (como quando se diz que a mídia-educação trará menos desigualdades sociais), é importante que a partir de agora se comece a pensar em formas de incluir a mídia-educação em programas públicos de educação, em âmbito nacional, para que essa prática não se configure apenas como experiências isoladas.

Talvez os programas ou as formas de implantação dessas experiências isoladas apresentem algum déficit de eficiência em âmbito nacional, mas como diz Fantin, é sempre benéfico saber que tipo de experiências estão sendo feitas na área, a fim de aproveitar o que cada uma tem de melhor para uma seqüente elaboração de um projeto mais amplo.

O papel do mídia-educador também é questionado no texto, e a autora nos indica uma série de caminhos que esse profissional pode escolher. Ainda é cedo para definir, visto que a própria mídia-educação ainda está em fase de contextualização e concepção. Mas com a certeza de que ele será desafiado sempre, tendo que pensar a mídia também como um processo de aprendizado. O desafio se configura tanto para profissionais vindos da comunicação quanto da educação, pois terão que se adaptar a novas realidades e novas linguagens.